



**SEER** MULHER  
*ser*  
**SERVIDORA**

**#IFSP** **sem** **misoginia**

**SEER MULHER**  
*ser*  
**SERVIDORA**  
**#IFSP sem misoginia**



NÚCLEO DE ESTUDOS  
SOBRE GÊNERO  
E SEXUALIDADE  
DO IFSP



INSTITUTO  
FEDERAL  
São Paulo

**Texto, Projeto gráfico e diagramação**

Rosa Amélia Barbosa

**Apresentação**

Mariana Ricatieri

Catálogo na fonte  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B238s    Barbosa, Rosa Amélia.  
          Ser mulher ser servidora #IFSP sem misoginia [recurso eletrônico] / Rosa Amélia Barbosa; Mariana Ricatieri [colab.]. São Paulo: [s.n.], 2025.

53 f.: il., color.  
Bibliografia.  
ISBN: 978-65-01-35081-3

1. Mulher. 2. Misoginia . 3. Feminismo . 4. Núcleo de estudos sobre gênero e sexualidade do IFSP - NUGS I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo II. Título.

CDD - 120

Andréa dos Santos Garcez de Oliveira – CRB8/ 9517

**Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP**

Biênio 2024/2025 - Portaria n.º 4615/2024

nugs@ifsp.edu.br

<https://www.instagram.com/nugs.ifsp/>

<https://www.ifsp.edu.br/nugs>

**#IFSPsemmisoginia**



**#Servidoracontra misoginia**

**#Machismo não é brincadeira**

**#Bastademisoginianaescola**

**#Saladeaula semmisoginia**

apres  
enta  
ção



Já tem alguns anos que as mulheres  
falam sobre feminismo. Pensamos,  
lemos, refletimos, argumentamos. São  
séculos de subjugação, de nos  
colocarem nos espaços apenas do  
cuidado e do servir.

Muito se avançou, é fato, mas sabemos  
que temos um longo caminho, ainda,  
para que não nos digam que uma  
professora não deveria estar em sala  
de aula, lecionando nos cursos "das  
exatas" e que seu lugar seria à beira do  
fogão (fato real e recente em nossa  
instituição, infelizmente).



A violência física, moral, verbal nos agride diariamente. Temos dados, pesquisas, literatura e, ainda que muitas de nós tenham questionado os espaços destinados aos nossos corpos ao longo das centenas de anos, estas foram esquecidas no tempo, principalmente por aqueles que contavam as histórias: em sua maioria homens, brancos. Resgatamos da história alguns destes nomes: Christine de Pizan, Marie de Gournay Le Jars, Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, Nísia Floresta e outras tantas precursoras dos estudos da igualdade entre os sexos.



Ressaltamos que, cada vez mais trabalhamos, incansavelmente, para que possamos fazer valer nossos direitos, diretos iguais aos seres humanos, independentemente de seu gênero, cor, sexualidade, classe social e tantos outros marcadores que dividem, hierarquizam e subjugam pessoas. As lutas e os estudos se ampliam, o conceito de gênero compreendido como referência à mulher se expande para os corpos que fogem à norma cisheteropatriarcal.



Aqui falamos para todas, todos e todes que escolheram habitar o espaço acadêmico, que reconhecem-se como educadores e, como tal, assumem seu papel no processo educativo e formativo não apenas para o mundo do trabalho, mas para o mundo!

Quando abordamos gênero e sexualidade nas escolas, propiciamos acolhimento dos corpos e conhecimento para que as violências diminuam. Muitos rejeitam o que não conhecem. A rejeição é o início da violência.





Todas, todos e todes que escolheram a profissão docente ou atuam no ambiente escolar fazem parte da organização de uma micro bolha social, que traz reflexos do que temos na sociedade, o melhor e o pior. Desta forma, faz parte do nosso papel profissional trabalhar para desenvolvermos pessoas capazes de respeitar, acolher e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.



Esta cartilha **esclarece, acolhe e aponta caminhos** para combatermos a misoginia, o machismo, o sexismo e outras formas de violência em nosso cotidiano.

**O feminismo é para  
TODAS, TODOS E TODES!**



# sumário

ser mulher, ser profe .....	13
quero respeito <del>so</del> nós .....	18
mano, respeita as mina, as mana, as mona .....	24
a todo minuto, por todas nós .....	28
não é à toa que liberdade é no feminino .....	33
liberdade é não ter medo .....	39
sou uma e não estou só .....	46
referências .....	50

DEVEMOS ENTENDER QUE A LUTA ANTIPATRIARCAL É UMA LUTA ANTISSISTÊMICA, PORQUE AS LUTAS DAS MULHERES NÃO SÃO CONTRA OS HOMENS, MAS CONTRA UMA ORDEM POLÍTICA FUNDACIONAL, QUE ALICERÇA TODO O EDIFÍCIO DAS DESIGUALDADES E EXTRAÇÕES DE MAIS-VALIA: O PATRIARCADO.

— *Rita Segato*



**ser  
mulher,  
ser  
profe**



# COMEÇOS



Certo dia, na aula:

- **Professor** que se posiciona politicamente, que situa sua abordagem de maneira politizada é o quê?

- Esperto.

- Inteligente.

- Descolado.

- Muito estudioso!

- E **professora** que se posiciona politicamente, que situa sua abordagem de maneira politizada?

- Feminista.

- Mimizenta.

- Do contra.

- Mal amada.

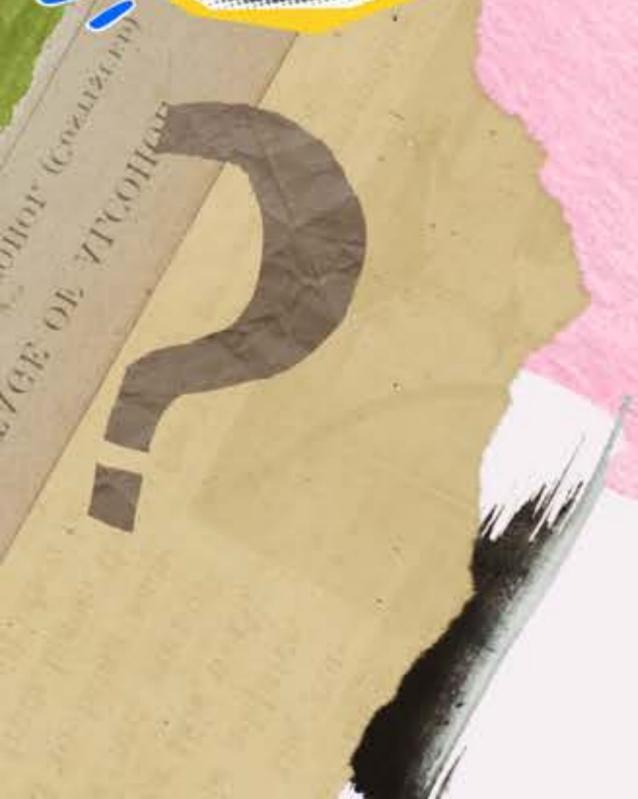
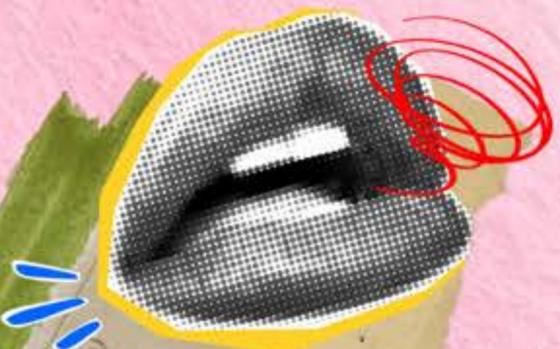
- Faladeira.

- Chata.

Ah! É professora que foge do que precisa nos ensinar.

Foi assim que começamos a discutir as relações políticas sobre gênero.

Essas interações aconteceram em turmas do ensino médio integrado.



Curiosas foram as repetições nas diferentes turmas do ensino médio.

Coincidência?



**NÃO!**

**É o modo de operar do machismo e do patriarcado desde a sala de aula.**

Política é disputa, o material da política é o simbólico, e numa instituição estão em jogo sobretudo significados.



**COMO VOCÊ É  
COMPREENDIDA NO SEU  
ESPAÇO DE ATUAÇÃO?**



QUE A MULHER LUTE PARA  
CONQUISTAR SUA  
LIBERDADE TENDO  
SEMPRE PRESENTE QUE  
ESTA DEVE SER PRODUTO  
ELABORADO POR SEU  
ESFORÇO CONSTANTE E  
POR SEU PENSAMENTO  
SEMPRE EM ATIVIDADE.

— *Maria Alvarez*



o the ground or  
iverse is vast, and  
also beautiful,  
nothing

**BLAH,**

**BLAH,**

**BLAH,**

**BLAH,**

...and hap  
...that you don't  
...we're comparin  
...people rather th  
...s really going on i  
...ocus on the negativ



**quero  
respeito,**

**SOU**



O binarismo homem/mulher estabelece um padrão como norma.

O determinismo biológico é um filtro através do qual todo o conhecimento sobre a sociedade funciona, daí vem a interpretação biológica do mundo social.

Binário é aquilo que se constitui de dois elementos: o sistema binário de computação, de numeração posicional com representações entre 0 e 1, o bem, o mal e no que se refere ao gênero a divisão rígida entre macho/homem/masculino e fêmea/mulher/feminino – onde macho implica privilégio e fêmea, subordinação.

A teoria de gênero questiona esse construto social pois o binário não comporta a variedade de identidades que informam e formam a diversidade que compõe a humanidade.





Os estudos de gênero e sexualidade exploram perspectivas socioculturais sobre **desejo** e **identidade**, para além da fisiologia dos corpos e da naturalização do binário.

**Discutir gênero na escola, no trabalho, na família, na literatura, no cinema, no mundo da vida é discutir as formas com que o gênero pauta nossas vidas**

Discutir gênero não oferece risco à dignidade humana, pelo contrário, tampouco é um ataque pessoal.

**Mas não discutir gênero acoberta violências que são cometidas por conta do gênero.**



Não falar sobre gênero é não falar sobre **cultura do estupro** e sobre o Brasil ser o **país que mais mata a população LGBTQIAPN+.**

Não falar sobre gênero é não falar sobre **corpos que morrem por gestar.**

Não falar sobre gênero é não falar sobre **feminicídio.**

Não falar sobre gênero é não falar sobre **violência doméstica, sobre violência simbólica e padrões de feminilidade.**

Não falar sobre gênero é não falar sobre **estereótipos de beleza** que podem resultar em autoflagelo.

Não falar sobre gênero é não falar sobre **existência e dignidade de todos os corpos.**

Não falar sobre gênero é não falar sobre **assédios.**

Não falar sobre gênero é não falar sobre **direitos.**

Não falar sobre gênero é não falar sobre **ser profissional, estudante, mãe, mulher, amiga, companheira, mulher trans, travesti.**

Não falar sobre gênero é não falar sobre o **quanto mulheres são tratadas de formas distintas dos homens.**

Não falar sobre gênero é não falar sobre **o quanto professoras são mais violentadas que professores nos ambientes educacionais, desde a sala de aula.**

**Não falar sobre gênero não é aceitável.**



Não podemos estar em risco  
por causa do gênero.  
É cultural.



**Não é razoável que mulheres  
trans, homens trans, corpos  
transmasculinos, mulheres  
lésbicas, mulheres não  
femininas, corpos queers  
estejam em risco  
porque suas existências não  
se adequam  
a um ideário preestabelecido  
do que pode ou não ser  
feminino, e como.**





est unamcorper eget. pulvinar sapien et. Vel fringilla  
nuncibus et molestie ac feugiat. Nec ul-  
trices dui sapien eget mi proin sed libero enim.

**mano,**

**respeita  
as mina,  
as maná,  
as mona**



Há quem diga que falar sobre gênero revela um desejo secreto de impor práticas de tratamento que sejam pautadas no gênero das pessoas.

Tem um lapso aí, porque quem faz isso muito bem é a sociedade binária, pautada pelo senso comum, cheia de “certezas” ao disseminar que

menino não chora  
mulher odeia flores

menino veste azul, menina veste rosa.

É só olhar para os famosos chás revelação.

O quê primeiro se quer saber sobre  
o ser humano gestado?

Falar sobre gênero é interromper o senso comum quando ele não faz sentido, ou pior: quando ele oprime.

Falar sobre gênero é estimular o debate sobre as formas como as normas e padrões rígidos de gênero são causa e efeito de violências estruturais de gênero.

Falar sobre gênero significa libertar pessoas das prescrições de gênero para que sua existência não seja determinada por elas.

Falar sobre gênero é questionar o que é comumente chamado de normal, é perceber o normal como normativo e não como algo natural, muito menos superior ou correto.



Falar sobre gênero é respeitar a existência das pessoas. Falar sobre gênero é **dever das instituições de ensino**, como estabelece a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Estatuto da Criança e Adolescente, o Plano Nacional de Educação, as Diretrizes Curriculares da Educação Nacional para os diferentes níveis e modalidades de ensino.

Falar sobre gênero é **responsabilidade coletiva**.

Estudar e conhecer questões de gênero são formas de lutar contra as violências.

O eixo metodológico de gênero nos leva a questionar o poder patriarcal ao reconhecer as diferenças entre as pessoas, e, com base nessas diferenças, compreender como as desigualdades sociais foram construídas.

Coibir as discussões de gênero não impede a existência de questões de gênero.

**O que está por trás do desejo e do esforço para que não se fale sobre gênero e sexualidade?**



**PRAZER**

**PAZ E AMOR**

**CORAGEM**

**IGUALDADE**

**SEXO**



**POESIA**

**GOZO**

**RESPEITO**



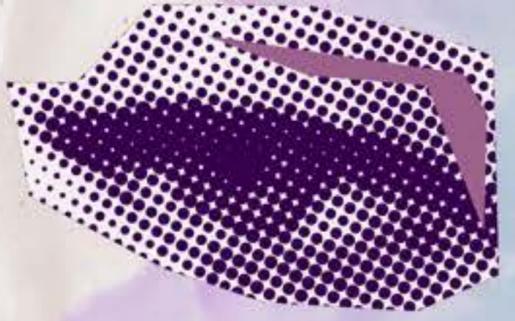
**UNIÃO**



**DIVERSIDADE**

**NATUREZA**

**VERDADE**



**VOZ**

**LIBERDADE**

**SEXUALIDADE**

**ARTE**

**VIDA**



**CORPO**



**a todo  
minuto,  
por  
todas  
nós**





## Alguma vida vale mais do que outra?

A teórica feminista Judith Butler afirma que a forma como pensamos o mundo e à maneira como nossas epistemologias são construídas diz respeito a um déficit: nossa ontologia sobre o que é considerado uma vida está dividida por um projeto moral, e não ético.

No imaginário coletivo **há vidas que merecem ser choradas e outras que não merecem.**

São vidas que não importam.

Vamos erguer nossa voz.

**Não acatamos silêncios cúmplices!**

Queremos ruptura.

Queremos nomear o indizível.



Queremos quebrar o silenciamento, historicamente  
construído.

Trata-se de protagonizar a **luta pela existência**  
com o propósito de construir  
**mundos possíveis e dignos para todes.**

**A política das mulheres nas instituições é  
demonstração de resistência física e emocional,  
força de caráter, solidariedade corajosa e  
inteligência política.**

Ao mesmo tempo, têm uma postura de advertência  
sobre os **perigos da colonização patriarcal.**

**Nós, mulheres, evidenciamos o caráter discriminatório  
e violento das instituições opressoras, ao mesmo  
tempo em que construímos um sentido comum de  
defesa por direitos equânimes em um contexto de  
misoginia introjetada e violência machista  
internalizada em todos os níveis.**

No caso do IF em todas as instâncias de poder.

**O propósito é transformar o presente conflitivo  
numa cartografia institucional de  
autodeterminação sem sexismo.**





Educação **verdadeiramente democrática** implica o respeito da autoridade das mulheres nas organizações políticas, sem que isso implique mais trabalho.

**O pessoal é político** e numa trama circular, o político se manifesta antes de mais nada na individualidade, na identidade, **problematizando** a educação, a instituição de ensino, a família, a alimentação, a reprodução, ou seja, a **cultura patriarcal**.



*Dias mulheres  
virão!*



**nã~o é  
atoa  
que  
liberdade  
é no  
feminino**



**Gênero é lido em todos os corpos,  
mas alguns corpos são mais sofridos e  
marcados por violências e exclusões.**

**O simbólico afeta a realidade.**

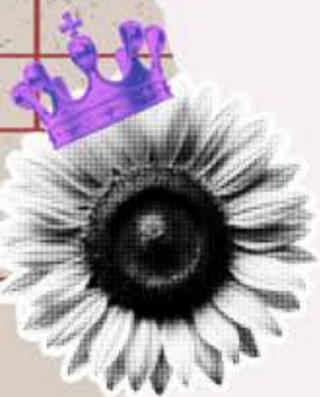
**O uso de violência simbólica,  
tal qual o emprego de vocabulário misógeno,  
é faceta da mesma misoginia que mata.**

**Se está autorizada a violência simbólica,  
estão também autorizadas as violências  
materiais.**

**Ao olhar para os dados de violência nacionais  
e/ou mundiais, misoginia e racismo  
não se desconectam.**

**A democracia não se faz com sexismo –  
é uma questão de olhar os corpos  
e contar as vítimas.**

**A diversidade de gênero e de sexualidade  
são um fato da humanidade,  
por isso é fundamentalmente necessário  
que sejam estudadas.**



Só vamos superar manipulações retóricas como a falaciosa “ideologia de gênero”, quando nossa invenção discursiva escancarar que lutamos pelos direitos de todas as pessoas de existirem como são.

As mulheres e a população LGBTQIAPN+ vivem sob o jugo dos estereótipos e normas, opressões e injustiças em relações desequilibradas com homens cis, todas em operação e visíveis.

O elemento não fantástico da realidade trazido para a narrativa da violência de gênero revela, para além da vítima, os responsáveis.

Curioso é o quanto causa furor os apontamentos em direção aos perpetradores enquanto recai sobre nós a pecha de que estejamos “nos vitimizamos”.





**A reivindicação é de que há energia demais investida no escape da demanda de homens.**

**Essa responsabilização é factual, não inventada.**

**Silenciar, neutralizar, manobrar e ridicularizar as falas das mulheres e pessoas LGBTQIAPN+**

**são ocorrências perenes no patriarcado.**

**Por isso é bom lembrar, feminismo não é uma ideologia e gênero é uma categoria de análise.**

**Tanto feministas quanto quem estuda e trabalha com gênero fazem o oposto de doutrinação ideológica.**





**Gênero e feminismo são ferramentas de uma crítica social que questiona precisamente a ideologia do patriarcado, ou seja, a dominação masculina que se apresenta sob a forma de estruturas de poder que relegam mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ a posições socialmente inferiores.**

**O reconhecimento de que o binário de gênero cis-heteronormativo supremacista branco e colonial não dá conta da realidade é a perspectiva da qual feminismos e estudos de gênero comungam.**

**Formas não patriarcais e antipatriarcais com que pensar e expressar questões de gênero são necessárias.**





liberdade  
é  
não  
ter  
medo





**É essencial ouvir e refletir a respeito do caráter opressor de nossas próprias atitudes.**



**O pacto narcísico da branquitude, segundo Maria Aparecida Silva Bento é, resumidamente, um acordo tácito entre pessoas brancas, que reconhecem a existência de desigualdades raciais, mas não as associam às discriminações que cometem.**

**Se racistas são sempre as outras pessoas, não há disposição para assumir a própria responsabilidade pela manutenção de estruturas racistas.**

**Eis aí a branquitude atuando cotidianamente.**

**E podemos nos perguntar:  
Quais mudanças devem ser coletivamente vislumbradas?**





A mesma questão pode ser feita sobre gênero: se machista é sempre o outro e homens **cisheteronormativos** não demonstram disposição para assumir a própria responsabilidade pela manutenção de estruturas machistas, quais mudanças podemos vislumbrar?

Somos constituídas numa estrutura social desigual, que nos forma para pensarmos e agirmos de formas racistas e machistas.

Trazer isso à tona é preciso e útil.

Pode não ser fácil, mas **não precisamos tornar as coisas ainda mais difíceis sendo narcísicas.**

Se é doloroso reconhecer-se como agente ativa de opressões estruturais que nos beneficiam, certamente é muito mais duro ser atingida por elas.



**Fato é que  
Homens, até os bem intencionados,  
se beneficiam do machismo.  
Pessoas brancas bem intencionadas,  
se beneficiam do racismo.**

**Se não houver disposição para abrir  
mão dos privilégios que acessamos,  
interditamos avanços.**

**O desconforto tem potencial  
transformador quando quem fica  
desconfortável é a pessoa machista  
por seu próprio machismo, a racista  
pelo próprio racismo, a transfóbica  
pela própria transfobia, a capacitista,  
elitista, etarista, e assim por diante.**

O desconforto é útil quando nos  
movemos para uma tomada de  
responsabilidade.





O momento político exige que todas as pessoas descartem aparatos que mantêm os sistemas interligados de opressões e exige amadurecimento para enfrentar o mundo criado ao mesmo tempo que requer reinvenções e refazimentos para aquelas que não têm os mesmo privilégios nem a mesma proteção.



Podemos ser mulheres urbanas ou rurais, brancas ou racializadas, com diferentes condições de classe, idade e localização geográfica: **nossas condições de identidades sobrepostas em nossos corpos são continuamente orientadas, corrigidas, endireitadas e universalizadas por cartografias patriarcais.**

Queremos estimular espaços e momentos incômodos.

**Queremos uma pausa conceitual, portanto, ativista e política.**



A LUTA POR EQUIDADE DE  
GÊNERO NOS ESPAÇOS  
PÚBLICOS E PRIVADOS É  
UM MARCO CIVILIZATÓRIO  
E SE MOSTRA  
IMPRESCRITÍVEL PARA A  
MANUTENÇÃO DA DEFESA  
DO ESTADO DEMOCRÁTICO  
DE DIREITO.

— *Thais Folgosi Francoso*





**sou uma  
e não  
estou só**



Com Povoada, de Sued Nunes (2023), lançamos  
com sensibilidade corajosa a canção-oração  
para fazer ecoar

**#Machismonãoébrincadeira**  
**#Bastademisoginianaescola**  
**#Professoracontramisoginia**  
**#Servidoracontramisoginia**  
**#Saladeaulasemmisoginia**



Ei, Povoada é um-um nome curioso né?  
Porque a gente sempre fala de Povoada

Em relação à Terra né?

A Terra é povoada

Mas, também sou terra

A gente também é terra de povoar

Deus te ajuda

Deus te ajude e te livre do mal

Te desejo tudo de bom, viu fia'?

(Povoada!)

Eu sou uma, mas não sou só, minha fia'

Povoada

Quem falou que eu ando só?

Nessa terra, nesse chão de meu Deus

Sou uma mas não sou só

Povoada

Quem falou que eu ando só?  
Nessa terra, nesse chão de meu Deus

Sou uma mas não sou só

Povoada

Quem falou que eu ando só?  
Tenho em mim mais de muitos

Sou uma mas não sou só

Sou uma, mas não sou só

Eu sou uma, mas não sou só, 'mermo!

PARA NOSSA VERGONHA  
— E PARA NOSSA  
REFLEXÃO, TAMBÉM —  
A CADA QUINZE MINUTOS  
UMA MULHER AINDA É  
ESTUPRADA NO BRASIL E  
A CADA DUAS HORAS  
OUTRA É ASSASSINADA.

— *Mary Del Priore*





MINHA VOZ, EU USO PRA DIZER O QUE SE  
CALA. O MEU PAÍS É MEU LUGAR DE FALA.

*Elza Soares*

# referê ncias



BURIGO, Joanna. **Patriarcado, Gênero, Feminismo**. Porto Alegre: Zouk, 2022.

DAVIS, Angela; COLLINS, Patricia Hill; FEDERIC, Silvia. **Democracia pra quem?** : ensaios de resistência. São Paulo: Boitempo, 2023.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000. São Paulo: Planeta, 2020.

DIANGELO, Robin J. **Fragilidade Branca** - Porque é tão difícil para os brancos falar sobre racismo. Tradução Rita Canas Mendes. São Paulo: Edita\_X, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. (Encruzilhada)

NERY, Ana Luiza. FRANÇOSO, Thais Folgosi. **Direitos das mulheres**: análise multidisciplinar sobre a evolução e a eficácia da proteção legal às mulheres no Brasil. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2023.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

*e*  
**NUGS**  
*é combativo*

**#Servidoracontramisoginia**

**#Professoracontramisoginia**

**#Machismo não é brincadeira**

**#Bastademisoginianaescola**

**#Saladeaula sem misoginia**

**#IFSP sem misoginia**



NÚCLEO DE ESTUDOS  
SOBRE GÊNERO  
E SEXUALIDADE  
DO IFSP



INSTITUTO  
FEDERAL  
São Paulo

ISBN: 978-65-01-35081-3

